

«Baseado em figuras históricas reais, um romance fascinante que agarra os leitores do princípio ao fim, ao explorar temas como a coragem, a amizade e o sacrifício.»

BOOKLIST

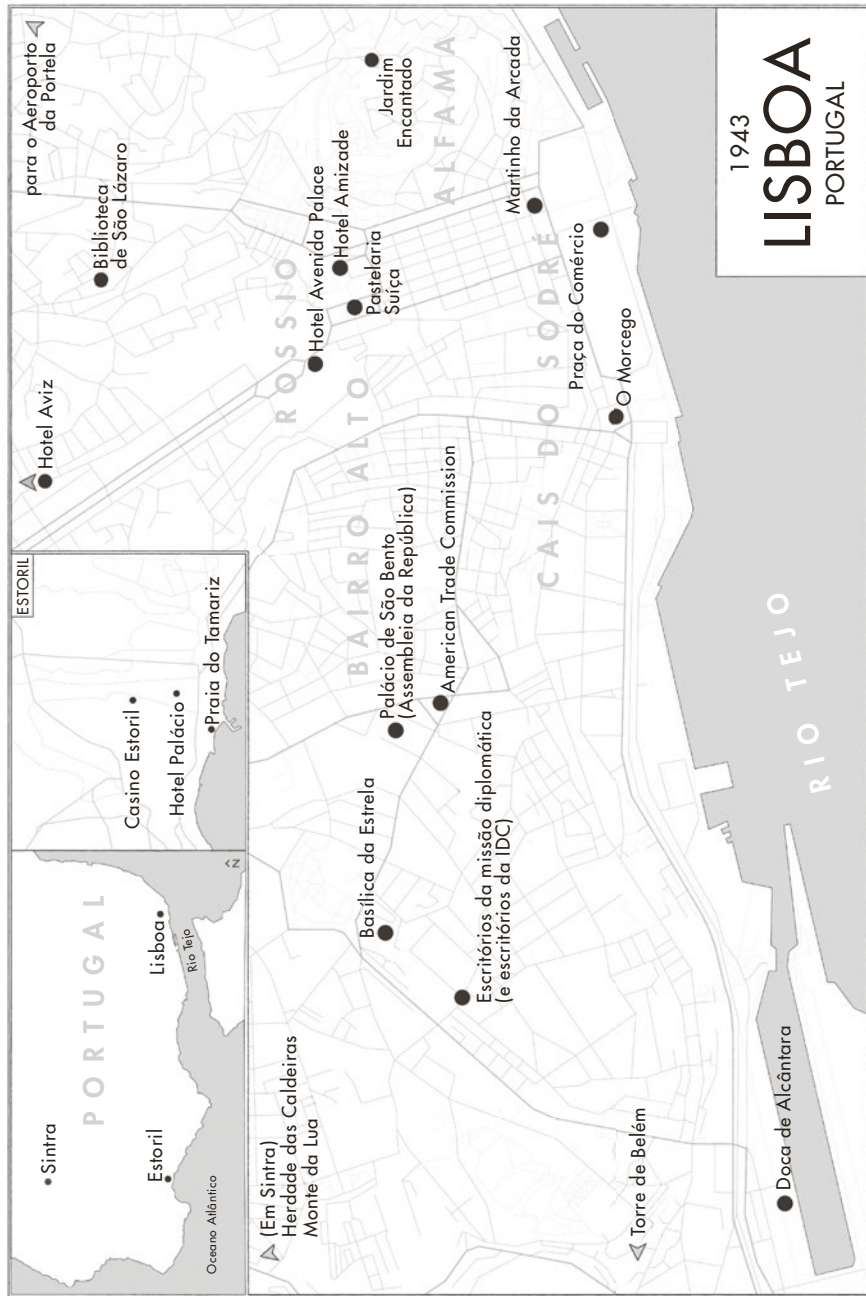
As BIBLIOTECÁRIAS *de* LISBOA

UMA HISTÓRIA DE AMOR E ESPIONAGEM
NA LISBOA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



TOP
SEL
LER

SUZANNE NELSON



*À memória da minha tia Carol Tallman, uma extraordinária
bibliotecária com o coração mais bondoso, e do meu avô,
Robert Francis Reinoehl, que serviu com valentia como
artilheiro durante a Segunda Guerra Mundial.*

PREFÁCIO

Embora *As Bibliotecárias de Lisboa* seja uma obra de ficção, inspira-se em acontecimentos históricos, lugares e pessoas reais. Durante a Segunda Guerra Mundial, Portugal foi um dos poucos países europeus a manter a neutralidade, mas o país teve um papel crucial — e, por vezes, controverso — na guerra. Foi um santuário para refugiados, uma fonte de volfrâmio (um dos minérios mais procurados para o fabrico de munições durante a guerra), e um núcleo de redes de espionagem dos Aliados e do Eixo. Lisboa, capital da nação, tornou-se o epicentro de negócios clandestinos de todos os tipos — tráfico de vistos e autorizações de saída falsos, contrabando de volfrâmio no mercado negro e recolha de informações sobre o inimigo através de suborno, sedução e homicídio.

As personagens principais deste romance — Selene, Bea, Gable e Luca — são inspiradas em várias pessoas reais que contracenaram no palco de Lisboa durante a guerra. Estas mulheres e homens foram figuras heroicas que recolheram informações vitais para os Aliados mudarem o rumo da guerra e que arriscaram as próprias vidas para salvarem um incontável número de outras.

PRÓLOGO

Setembro de 1993

Soprou uma brisa desde o rio Tejo, trazendo consigo o salgado aroma do verão. Ela encheu os pulmões, o corpo a zumbir de recordações. Assim que descera do avião, transformara-se de novo em Selene, envergando o pseudónimo como um velho e adorado casaco. Mal queria acreditar, mas estava de regresso a Portugal.

Enquanto a noite caía, sonolentos banhistas, ainda sarapintados de areia da praia do Dafundo, regressavam aos seus apartamentos. Casais sorviam *cocktails* em alpendres enquanto lisboetas e turistas deambulavam pelo Rossio. As luzes dos hotéis e restaurantes cintilavam ao longo da Praça Dom Pedro IV como pirilampos, com o céu como pano de fundo.

Selene sorveu a sua bica, saboreando o amargor do café, e sondou a multidão. Nenhum dos rostos era aquele que esperava.

— Aqui está, senhora. — O garçom pousou um pastel de nata à sua frente.

Ela agradeceu, aliviada por ainda compreender e falar português. Desde o dealbar da guerra que não tivera muitas oportunidades de praticar a língua, desde a noite que partira de Lisboa, jurando nunca mais voltar.

Apesar de ter passado quase meio século desde que recebera o treino, a sua capacidade de observação estava aguçada como nunca. Escolhera esta mesa na Pastelaria Suíça porque lhe proporcionava uma

posição estratégica em relação ao passeio público, além de ali estar de costas para a parede — um velho hábito adquirido nos anos da guerra. Deste ponto privilegiado, segredos desenrolavam-se perante os seus olhos.

Numa mesa próxima, um homem meteu a aliança ao bolso antes de cumprimentar a amante com um beijo. Uma criança apanhou alguns escudos das águas das Fontes Monumentais, depois escondeu as moedas no casaco antes de a mãe ver.

Tantas pessoas, tantas vidas escondidas.

Até que, por fim, viu o rosto familiar de Bea. O cabelo outrora âmbar e ondulado estava muito mais curto, de um elegante tom prateado. A sua constituição franzina parecia mais frágil, mas os olhos cor de avelã mantinham a mesma inteligência arguta. Entreolharam-se e os incontáveis anos e quilómetros que as separavam esfumaram-se.

— Bea! — Abraçou a sua querida amiga, as lágrimas a escorrer numa risada de alegria.

— Olá, Selene. — Bea enxugou os olhos.

Segurou Bea com os braços esticados, observando-lhe os olhos enrugados, as sardas do sol. Selene não se *sentia* especialmente velha, mas ao ver os anos gravados no rosto de Bea não conseguiu negar a sua própria idade.

— Nem acredito. Aqui em Lisboa cinquenta anos mais tarde e retomamos aqueles nomes. — Bea sorriu perante o absurdo de reencarnarem os velhos disfarces.

Selene fez sinal ao garçom a pedir outra bica para Bea.

— *É difícil esquecer velhos hábitos.*

Bea pousou as mãos em cima das de Selene.

— Estás linda como sempre.

Selene riu.

— Sempre *foste* uma terrível mentirosa. Porém... houve uma época. — Quando era jovem, Selene dominara salões inteiros com a sua silhueta e o seu charme — uma chama luminosa para a qual todas as traças eram atraídas. Mas a perda aplacou a sua forma de ser. Sentiu os olhos de Bea a perscrutá-la e interrogou-se se ela veria as feridas

que ostentava. As cicatrizes de um coração partido há muito tempo. — Durante décadas, não soube se estavas em segurança. Ou sequer viva. Nunca te consegui contactar.

— Desculpa. — O arrependimento vincou as rugas no rosto de Bea.

Selene assentiu com a cabeça. Sentira a falta da amiga durante aqueles primeiros anos depois de regressar a Boston. Sentira-se tão só, em sofrimento — com o fardo de segredos que não podia partilhar. Houve noites em que pegara no telefone e pedira à telefonista para marcar o número da central de Bea em Charleston, até se lembrar segundos depois de que Bea não estava lá para atender. Escrevera cartas que nunca foram entregues porque não tinha uma morada para onde as enviar. Por vezes, sentava-se durante horas num canto sossegado da Biblioteca Pública de Boston, a relembrar os tempos em que trabalharam juntas entre as estantes. De vez em quando, recebia um postal do Japão, da Rússia ou de Cuba, não assinado, mas com a inconfundível letra de Bea — uma mensagem codificada que Selene teria de decifrar para saber que a amiga estava em segurança. Mas nunca um vislumbre, em todo este tempo, sobre a vida que Bea tivera.

— Não faz mal, a sério — disse. — Mas tive imensas saudades tuas.

— Não podia dizer-te onde estava... onde *estávamos*. Dezenas de países e nomes falsos. Mas pensei em ti todos os dias. E vim encontrar-me contigo porque o meu trabalho, por fim, está concluído. Ou, pelo menos, eu concluí. Posso voltar a fazer parte da tua vida.

Selene ponderou sobre estas palavras.

— Mas porquê aqui, em Lisboa? Depois de todo este tempo? — Bea fez uma expressão hesitante.

— Porque ele te quis ver.

Selene sentiu o coração bater mais depressa.

Levantou a cabeça e viu o homem do outro lado da praça. Com o coração a palpar, assimilou o espectro. Tinha o cabelo grisalho em vez do preto lustroso de que se lembrava. Contudo, tinha o mesmo maxilar angular, o mesmo olhar arrojado, os mesmos ombros espadaúdos. Tapou a boca com a mão e ficou lívida.

— Não... não pode ser — balbuciou Selene. — Não pode ser ele.

— Selene, não... — Bea ajoelhou-se ao lado da cadeira dela. — Tenho de te dizer uma coisa. Sobre a noite na praia. A noite do homicídio.

— Foi há tanto tempo... — sussurrou Selene.

— Mas mudou tudo.

Agarrou as mãos de Bea, as recordações a levarem-na a batalhas travadas em salões de baile resplandecentes e becos sombrios, a um passado em que verdades e mentiras se misturavam como bolhas de champanhe, e todas as almas tinham algo a esconder.

Uma joia num mundo de trevas ensanguentadas. Lisboa, 1943.

Outubro de 1943

Selene Delmont apoiou um braço no balcão do bar e sondou o elegante salão de jogos, questionando-se quem poderia querer dançar com ela e quem poderia querê-la morta.

A navalha enfiada na liga era fria, um corpo estranho encostado à pele. Andaria sempre com ela. As palavras do coronel Briggs a despedir-se no último dia de treino na Quinta ressoaram-lhe na cabeça.

— A inteligência valer-te-á segredos. A confiança valer-te-á a morte.
— Esta noite, teria de seguir esse conselho.

Por fim, Selene estava em Lisboa, a milhares de quilómetros de tudo — e de toda a gente — que queria esquecer. Era um alívio estar fora do alcance do nome da família. Em Boston, nunca se libertara desse nome, apesar de terem passado três anos desde que fora deserdada. Era uma herdeira caída em desgraça — reduzida a trabalhar numa biblioteca pública. Era inaudito. Não conseguia escapar ao próprio nome, nem às suas limitações.

Aqui, porém, não era conhecida e o anonimato era crucial para a sua missão.

— Mais uma bebida, senhora? — O empregado de balcão apontou para a taça vazia.

— Champanhe, por favor.

Selene sorveu do novo copo enquanto perscrutava lentamente a multidão, os ouvidos à cata de informação.

Fora informada de que o seu contacto estava ali. Só tinha de o encontrar. «O teu contacto terá uma orquídea», dizia o telegrama do coronel Briggs.

Já identificara uma dúzia de outros intérpretes do elenco que memorizara, mas até agora não vislumbrara a «Orquídea».

O Casino Estoril era o astro à volta do qual Lisboa rodava, cheio de mulheres deslumbrantes com vestidos de luxo e elegantes homens de *smoking*. Deslizavam em torno das mesas de jogo com os movimentos ágeis e premeditados de atores num palco. O zumbido da roda da roleta e o chocalhar dos dados pontuava o *jazz* que chegava do salão de baile. Parecia impossível que alguém neste casino fosse tão perigoso como ouvira, mas Selene sabia a verdade.

Desde que o primeiro-ministro de Portugal, António de Oliveira Salazar, declarara a neutralidade do país, Lisboa tornara-se um turbilhão de operações dos Aliados e do Eixo.

O porto de Lisboa, em crescimento desordenado ao longo do rio Tejo, era um dos poucos pontos de entrada que restavam na Europa, e a capital estava cheia de refugiados em busca de segurança e de oportunistas que esperavam lucrar com eles.

Esta noite, estava aqui o barão von Hoyningen-Huene, o embaixador da Alemanha, a ganhar — e, Selene suspeitava, com batota — na mesa de bacará. A condessa francesa Elise Archambeau jogava roleta, a derreter-se agarrada ao braço do amante, José Barbedo, um dos conselheiros de maior confiança de Salazar. Rafael Delgado, nobre espanhol exilado e, corriam rumores, simpatizante dos Nazis, tinha uma mulher agarrada a cada braço enquanto jogava *chemin de fer*. Estas eram apenas algumas das astutas elites que constituíam o quadro social do serão — nobreza proscrita, simpatizantes do Reich e fantoches de Salazar.

Neste implacável viveiro de espões, a informação era o bem mais cobiçado. E Selene era agora um deles, a transacionar o logro como os demais.

Selene seguia-os a todos enquanto bebia e retribuía os olhares de admiração dos homens com sorrisos. Não sabia ainda o motivo subjacente às instruções que recebera — escutar, observar, encantar. A tarefa

da Orquídea seria transmitir-lhe os pormenores da sua missão mais tarde. O seu desempenho esta noite, como uma distração tentadora ou — melhor ainda — como uma confidente inocente, seria o primeiro de muitos testes que teria de passar.

Escolhera criteriosamente o vestido com lantejoulas, ciente de como se colava às suas curvas e lhe realçava os olhos azuis-claros. Quando era criança, ficara desconcertada com o porte provocante da mãe e o seu efeito nos homens. Não tardara a imitá-la, com a esperança de, por fim, conquistar a aprovação da mãe. Nunca acontecera, mas aprendera o poder que o seu próprio corpo podia exercer sobre os outros.

Durante o treino, o coronel dera-lhe instruções para «deixar que essas tuas pernas adoráveis façam a adulação». O olhar cobiçoso de Briggs era repugnante, mas Selene não tinha ilusões. Conseguira este trabalho graças à sua aparência, mas dominá-lo-ia com a sua astúcia. Ser o engodo de caça grossa podia ser perigoso, mas também perversamente divertido.

Uma cacofonia de idiomas zumbia à sua volta — português, francês, alemão, japonês — misturada com risos, música e o tilintar de copos de *cocktail*. Selene pôs-se atentamente à escuta de pistas que a ajudassem a identificar a Orquídea. Tivera apenas um mês de aulas de português apressadas antes de partir dos Estados Unidos da América,, mas era capaz de manter conversas, ainda que de forma imperfeita. Já era fluente em francês e alemão, graças aos cursos de línguas que frequentara em Wellesley.

No primeiro ano da universidade, Selene quisera um curso de botânica, mas a única ciência com que a mãe concordara era a biblioteconomia. À época, os cordéis da bolsa dos pais haviam controlado o seu destino. A sua educação fora uma das muitas batalhas que perdera com a mãe.

— Os homens querem esposas que fazem réplicas espirituosas em jantares, não esposas mais inteligentes do que eles — dissera a Selene. — A tua proeza mais importante na vida será o casamento e os filhos.

Isto passara-se há seis anos, antes de abandonar de vez o imóvel insípido dos pais em Newport, antes de conhecer a sua melhor amiga,

Bea, na Biblioteca de Boston, antes do fatídico dia em que vira o póster de recrutamento do Ministério da Defesa a pedir mulheres com formação e «corações cobertos de estrelas» para se juntarem à luta. Há seis anos e num universo completamente diferente deste sítio.

Selene perscrutou o salão mais uma vez. Uma mulher com uma flor vermelha no cabelo abeirou-se da mesa de *chemin de fer*. Seria a Orquídea? A mulher olhou Selene nos olhos.

Selene susteve a respiração, à espera do sinal combinado. A mulher estugou o passo, mas fez uma expressão mais sinistra ao aproximar-se. Algo reluziu na sua mão. Seria uma navalha? Talvez esta mulher não fosse uma amiga, mas uma inimiga. Instintivamente, Selene levou a mão à poquete, agarrando a sua *Colt 1908*.

— Pequena, mas letal — afiançara-lhe o coronel Briggs.

Selene segurou a mala com firmeza junto à cintura, preparada para disparar a pistola caso avistasse uma navalha.

De súbito, dois homens de *smoking* agarraram pelos cotovelos a mulher que se aproximava. Selene reconheceu o homem de cabelo escuro e bigode dos ficheiros que estudara durante o treino. Era o capitão Agostinho Lourenço, diretor da PVDE, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a polícia secreta portuguesa.

— Não adianta fazer uma cena. — O capitão Lourenço algemou os pulsos da mulher. — Venha sem levantar problemas e será melhor para si.

O sorriso calmo da mulher desmentiu o apuro em que se encontrava.

— Que pena ter de abandonar a festa. Estava a divertir-me.

Deu três passos sob a custódia deles, depois parou, a tez lívida. Formou-se saliva nos cantos da boca. Vacilou, depois caiu sobre a alcatifa.

— Merda, ela fê-lo — disse o capitão Lourenço, enquanto a mulher se contorcia.

Segundos depois, estava morta. O objeto reluzente rolou-lhe da mão. Não era uma navalha. Era um colar com um pingente em forma de bala.

Selene manteve uma expressão calma enquanto o sangue lhe fervilhava nas veias. Sabia o que fora escondido no pingente: um comprimido de cianeto. Fora-lhe fornecido um berloque igualmente mortífero.

Caiu sobre o salão um manto de silêncio inquietante. Todos os rostos se viraram para a figura prostrada na alcatifa.

— Suicídio — soaram sussurros na multidão.

Selene estremeceu. Esta mulher, ainda que fosse o inimigo, não a tinha como alvo. Mas também não era a Orquídea. A flor no seu cabelo era uma rosa. Tinha de ser outra agente — comprometida, evidentemente — e levava os seus segredos para o túmulo.

Sem proferir outra palavra, o capitão Lourenço e o ajudante levaram o cadáver da mulher.

Selene sentiu o primeiro medo de verdade desde que renunciara à sua identidade ao assinar uma linha a tracejado num formulário do Tio Sam. Bea e os outros recrutas tinham-se mostrado desconfiados do que os esperava. Selene não. Queria uma fuga, emoção, anonimato. Porém, isto não era como os cenários que ensaiara com os outros formando na Quinta. Tinham contornado a ideia da morte, mas agora Selene dera de caras com ela.

Assim que o corpo da mulher desapareceu de vista, a música voltou ao volume máximo e os empregados apressaram-se a encher todos os copos. Inquieta, Selene observou os presentes a voltar para as suas cartas e *cocktails*. À exceção de poucos semblantes pálidos e murmúrios plenos de tensão, ninguém se atreveu a dar sinais de que uma pessoa acabara de morrer à frente dos seus olhos.

Tinha as ideias num turbilhão. Será que a Orquídea tentaria abordá-la na mesma ou seria demasiado arriscado? Pousou o copo vazio antes que alguém reparasse nas suas *mãos trémulas*.

— Desculpe, *mademoiselle*. — Um homem louro de bigode encostou-se ao balcão. Falou em francês, fazendo uma vénia de saudação. — Faz-me companhia a beber um copo? Preciso de uma distração depois daquele medonho imprevisto.

Seguindo o exemplo dos demais, Selene esboçou um sorriso prudente, aparentando calma no meio da aflição, e respondeu num francês quase perfeito.

— Fornecerei a distração. Tu forneces o champanhe. — Mirou-o com timidez. Um tigre, já apanhado.

O homem fez sinal para o empregado de balcão e apareceram duas taças de champanhe.

— Consegues sempre o que queres com tanta facilidade? — perguntou Selene.

— Forneço certos bens ao Ricardo — respondeu o francês com um aceno para o empregado de balcão.

— Tudo para o *monsieur* Jacques. — Ricardo piscou o olho antes de ir servir os outros clientes.

Selene levantou a taça de champanhe para o novo amigo.

— Saúde. Ao *monsieur* Jacques, um homem influente. E à cidade da luz! Gesticulou para as enormes janelas em arco que ladeavam todo o salão de jogos.

Do lado de fora dos vidros, as luzes do grandioso Hotel Palácio e do Hotel do Parque cintilavam ao longo da Avenida Clotilde. Seria um belo cenário, se os olhos sem vida da mulher morta não lhe assombrassem ainda a visão.

Precisava de se concentrar, raios.

Bebeu um grande trago de champanhe para se recompor e depois estendeu a mão a Jacques.

— Selene Delmont.

— O teu sotaque. Americano? — indagou. Selene anuiu e ele fez uma vénia. — Jacques Renaud, artista francês tornado flibusteiro. — Encostou a mão dela aos lábios. — Diz-me o que trouxe uma *belle amie* como tu a Lisboa?

— Acabei de ser contratada como secretária da Comissão Federal do Comércio — respondeu Selene, grata por ter ensaiado para este momento com Bea inúmeras vezes. A mentira deslizou-lhe sem mácula pela língua.

— Ena. Um emprego genuíno. Deves ser a única pessoa neste casino que não finge ser alguém que não é. Se é que estás a dizer a verdade, claro. — Apesar do piscar de olho bem-disposto, Selene ficou com a impressão de que a estava a avaliar. — Fizeste uma longa viagem para fazer ditados. Porquê? O trabalho de secretária nos Estados Unidos era demasiado *ordinaire*?

— Na verdade, era bibliotecária. Eu e a minha amiga Bea trabalhamos juntas na Biblioteca Pública de Boston. A Bea adorava, mas para mim foi mais como um degrau.

— Um degrau para o quê?

Selene sorriu.

— Viajar. Conhecer o mundo... — Alistar-se não era viajar tal como o imaginava, mas *era* uma porta aberta depois de tantas que lhe tinham sido fechadas na cara. E uma oportunidade de combater nesta guerra da *única* forma que podia. Precisara de espaço para encontrar um lugar para si num sítio onde não era rotulada. Espaço que nunca teria como mulher-troféu de Giles ou nos confins de uma biblioteca. — Precisava de uma mudança, por isso arrastei a Bea até Lisboa comigo e aqui estamos.

Jacques levou uma mão ao coração, deleitado.

— São duas! — Olhou em redor à procura de Bea. — Esta noite está a exceder as minhas mais loucas expectativas.

Selene riu.

— Detesto desiludir-te, mas a Bea ficou no hotel. — Bea nunca teria concordado em vir para Portugal se não fosse pela persistência de Selene. Quando Bea não conseguira dissuadir Selene de se alistar, insistira em juntar-se a ela.

— Não te vou deixar ir para o outro lado do mundo sozinha — dissera Bea, resignada, e Selene soubera que vencera. Só precisaram de seis breves meses de treino na «Quinta» do *Office of Strategic Services* (OSS) antes de serem enviadas para Lisboa.

Selene estava a tentar não se preocupar com o que Bea arriscava ao vir para aqui, em especial depois daquilo a que assistira esta noite. Bea era reservada e, por vezes, parecia ter muito mais do que os seus 22 anos. Tivera uma vida suficientemente sofrida; um incêndio numa fábrica roubara-lhe o pai quando era criança. Desde a morte da mãe, há três anos, suportara todos os encargos da família. Além disso, assumira a educação do irmão mais novo, Robert, certificando-se de que terminava os estudos antes de se alistar.

Pelo menos o cargo de Bea aqui não era perigoso. Já lhe fora atribuída a função, como bibliotecária da Comissão Interdepartamental

para a Aquisição de Publicações Estrangeiras, também conhecida por IDC. Na manhã do dia seguinte, estaria em segurança, sentada a uma secretária a arquivar informações e microfilmes recolhidos pelo OSS.

— A Bea não aprecia toda esta opulência e *glamour* — explicou Selene a Jacques. — A esta hora deve estar na cama a ler *Jane Eyre*.

Jacques estalou a língua.

— Que pena. Mas não te preocupes. Conhece-la-ei em breve. Lisboa é um aquário. Os peixes que aqui nadam não têm como deixar de se cruzar uns com os outros. É por isso também muito difícil evitar os tubarões, como certamente já viste com os próprios olhos.

— Adoro jogos que envolvem risco — disse Selene.

— É o único género que há por aqui. — Pela primeira vez, o tom de Jacques deixou transparecer uma nota de azedume. Olhou Selene nos olhos, de súbito muito sério. — *Ma chérie*, recomendo-te que tenhas cuidado neste sítio. Seria sensato regressares à América o mais depressa possível.

Selene sentiu a verdade das palavras dele, mas fez um esforço para as rejeitar com um menear da mão.

— A América? *C'est ennuyeux*. — Levantou o copo para esconder a cara.

— Aborrecida, diz ela! — Jacques acabou de beber o champanhe. — Ora bem, coragem tens tu. Já eu, escolheria o aborrecimento em vez da morte.

Enquanto conversava com Jacques, Selene mantinha um ouvido atento a excertos de outras conversas. Ouviu um oficial das SS de uniforme a vangloriar-se da mais recente vitória em batalha do Führer a uma mulher esbelta com uma estola de *vison*. Uma mulher francesa falou apressadamente com um homem de semblante empedernido sobre trocar joias por vistos para a América. Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas quando o homem respondeu com uma gargalhada seca.

— As tuas joias não valem nada. Tenho montanhas delas que ninguém quer *nem dadas* — disse, em português. — Vem falar comigo quando tiveres algo... — Segurou-lhe o queixo com uma mão — ... que se possa vender.

Selene voltou a atenção para Jacques antes de conseguir ouvir a resposta da mulher, exibindo um largo sorriso. Não podia fazer nada para ajudar. Demonstrar o menor indício de compaixão seria um risco.

Contudo, Jacques estalou a língua e olhou de relance para a mulher de forma a dar a entender a Selene que também estivera a ouvir.

— Pobre coitada. Vai dar-lhe o que ele quer num abrir e fechar de olhos. — Inclinou-se para ela e baixou a voz. — Estás rodeada de todos os tipos de biltres que possas imaginar. Contrabandistas, polícia secreta, raptos. Diz o pecado, encontrarás o pecador.

Selene pestanejou inocentemente.

— Não fazia ideia — mentiu. — Mas se isso é verdade, porquê ficar?

— Enquanto o Reich e o Vichy estiverem em França, não posso regressar. Mas também não abandonarei o continente. Por isso, fico cá. Pinto e espero. — Encolheu os ombros, depois sussurrou olhando de esguelha para um oficial das SS ali perto. — Há destinos piores, todos o sabem.

O oficial olhou na direção deles e o sangue de Selene gelou sob o seu olhar penetrante. Porém, Jacques apenas acenou a cumprimentá-lo.

— Boa noite, Herr Stellmacher. Devo dizer que o seu uniforme tem um aspeto especialmente despótico esta noite.

— Espirituoso como sempre, Renaud. — Herr Stellmacher fez continência e afastou-se.

— Aquele é um fala-barato. — Jacques ofereceu a Selene um cigarro de uma elegante caixa de prata. Quando ela recusou, acendeu um para si e soprou para o ar um indolente anel de fumo. — Como a minha arte tem laivos de antiautoritarismo, o Stellmacher e o Vichy iriam adorar ver-me num dos seus campos de concentração, mas aqui não me podem tocar. Pelo menos, ainda não. Por isso, adoro *mesmo* atirar-lhe isso à cara.

De repente, a turba que estava à volta da mesa de póquer mais próxima fez um gemido coletivo.

— Até tenho medo de olhar — disse Jacques com um suspiro. — Com certeza já tivemos palhaçadas macabras para uma noite.

— Não é isso. — Selene viu um homem de cabelos escuros com um *smoking* puído a deslizar uma moeda para o crupiê.

— Vou a jogo — disse o homem em português.

— Perdeu o juízo — alguém murmurou enquanto a turba se acotovelava para ver melhor.

— O palerma vai perder tudo — disse uma mulher.

— Senhor Caldeira, por favor. — O crupiê falou para ele com delicadeza, quase como que a acalmá-lo. — Já apostou o seu último escudo.

— Aceite. — Como o crupiê não se mexeu, o homem atirou-lhe a moeda. — O que é que me interessa?

— Não aceito. — O crupiê meteu a moeda na mão do senhor Caldeira.

— Vá para casa, senhor, antes que arranje problemas.

— Para casa? — O senhor Caldeira deu uma gargalhada, curta e seca, depois emborcou o *Martini*. — Não tenho casa. — Virou costas à mesa.

Nas suas largas passadas pelo bar, deu um encontrão em Selene, fazendo-a derramar o champanhe.

Jacques intercetou-o.

— Vê se te controlas, Luca. Estão a observar-te.

Luca Caldeira escarneceu.

— Estão sempre. — Empurrou Jacques para o lado e continuou a caminhar, depois parou para endireitar as lapelas e afastar os caracóis volumosos da testa. Só depois é que olhou Selene nos olhos. Eram fuscos e cavernosos, encovados no rosto tisonado e desgastado.

O aspeto encovado e assombrado desalentou-a.

— As minhas desculpas — disse Luca rudemente. — Desfrute deste espetáculo absurdo. — Fez um gesto a abarcar o salão com repulsa. — Se conseguir.

Dito isto, foi embora.

Abanando a cabeça para afastar da mente o olhar atormentado de Luca, Selene inspecionou o vestido. Segundos depois, apareceu ao seu lado uma mulher com um vestido escarlata com lantejoulas que lhe ofereceu um lenço.

— Obrigada — Selene enxugou o champanhe do vestido.

— Que falta de educação. — Tinha uma voz aveludada. Com uma tez acastanhada e viva, cabelos pretos bem penteados e compridas pestanas a roçar-lhe as faces, era surpreendentemente bonita. — Homens! — O seu riso retiniu. — Só te digo, já não há cavalheirismo neste mundo.

Jacques riu.

— Não levo isso a peito, Marguerite.

— Nunca levas, querido. — Marguerite e Jacques cumprimentaram-se com beijos na cara.

Enquanto o faziam, Selene reparou no broche preso ao peito do vestido de Marguerite. Era uma orquídea cravada de diamantes. A flor que lhe tinham dito para procurar. A pulsação de Selene disparou.

— Tenho de voltar para o salão de baile — disse Marguerite. — O meu segundo espetáculo está quase a começar.

— O canto de sereia da Marguerite deixa-nos enfeitiçados — disse Jacques a Selene.

Marguerite segurou-lhe o queixo com uma mão.

— Sabes que tenho um fraquinho por aduladores. — Virou-lhes costas para ir embora, depois parou. — Ah, quase me esquecia. — Ofereceu um tubo de batom a Selene. — Acho que deixaste cair isto no meio da confusão.

Selene sentiu o coração a palpitar. Era o sinal combinado.

— Seria lamentável se perdesse o meu *Victory Red*. É a minha cor preferida. — Disse as palavras certas com facilidade, depois largou o batom na pochete. — Obrigada.

Ao afastar-se, Marguerite soprou um beijo para os dois.

— E agora conheceste a minha segunda mulher preferida nesta casa — disse Jacques a Selene.

Ela riu, mesmo enquanto aquele batom lhe consumia o pensamento.

— É adorável e salvou-me com aquele lenço. Quem era aquele bruto? Quase me estragou o vestido.

— O Luca Caldeira? É o tipo mais miserável de Lisboa. — Foi o cônsul-geral de Salazar. Trabalhou em Espanha algum tempo, mas... — Jacques abanou a cabeça. — Agora? É um magnata marginalizado.

O irmão, André Caldeira, é um dos conselheiros mais próximos de Salazar. É também o proprietário da maior mina de volfrâmio de Portugal. Hoje em dia, o mais importante é o comércio de volfrâmio. Contudo, por ironia do destino, o Luca ficou sem um tostão.

— O que aconteceu? — quis saber Selene.

— Uma coisa horrível e este não é o lugar para falar sobre isso. É tabu entre os acólitos de Salazar. — Jacques apagou o cigarro. — Ah, não estraguemos o resto da noite com essa história de infortúnio.

— Sim. Não estraguemos. — Selene fez um sorriso renovado, com esforço para esquecer Luca. — Vou retocar a maquilhagem, mas quando regressar, iria adorar outro copo de champanhe e... — enfiou o braço no de Jacques — o prazer de te ver a vencer uma partida de póquer?

— Contigo a servir de amuleto, não posso perder.

Ela piscou-lhe o olho e foi para a casa de banho das senhoras. Assim que entrou para um cubículo, Selene tirou o batom da bolsa e desenroscou a parte de baixo com cuidado. Tal como suspeitara, lá dentro havia uma pequena tira de papel — uma única barra de notas de uma partitura. Selene tirou da bolsa um pequeno frasco de amoníaco e, depois de desenvolver o reagente, agitou-o por debaixo do papel enquanto os vapores azedos escapavam. Aos poucos, apareceram palavras: *Compra uma orquídea à Gracinha no Jardim Encantado. No Beco da Hera. Amanhã, às 18h.*

Selene memorizou a mensagem, deitou-a pela sanita abaixo, depois guardou o batom de novo na segurança da bolsa.

Sentiu uma vaga de alívio. Por fim, encontrara a sua ligação.

Depois de ver o reflexo no espelho, voltou para junto da turba mirabolante. Tinha o seu papel a desempenhar e o jogo estava só a começar.

2

Bea bebericou mais um pouco de café, mas nada a fazer. Sentada à frente dela, Selene estava a celebrar elogiosamente a bica, ao estilo *espresso*. Para Bea, era demasiado amargo e ela com os nervos em franja. Pousou a chávena com estrépito. Uma pergunta não lhe saía da cabeça: *Seria tudo isto um erro lamentável?*

Estava em Portugal há menos de vinte e quatro horas, mas tinham bastado alguns minutos na Pastelaria Suíça para confirmar como estava deveras fora do seu elemento. Nunca saíra de Massachusetts, muito menos dos Estados Unidos, e de repente estava sentada num café em Lisboa com o que lhe pareciam uma centena de línguas diferentes a chilrear à sua volta no frémito matinal. Comparado às tranquilas salas de leitura com paredes de carvalho da sua amada Biblioteca de Boston, este mundo era vibrante e turbulento de mais, a sua luz da manhã luminosa de mais, ao ponto de encandear.

Uma idosa passou pela mesa delas, estalando a língua em jeito de reprovação pelas calças de Bea. As calças sempre tinham sido o seu elemento básico em termos de indumentária. Eram muito mais práticas para colocar livros nas prateleiras e subir aos escadotes da biblioteca. Durante o treino na Quinta, insistira para que o seu uniforme fornecido pelo exército incluísse calças em vez de saia e o coronel Briggs também manifestara desagrado.

— Não precisa de ver as minhas pernas para saber o valor do meu intelecto — argumentara Bea com objetividade. — E o meu intelecto funciona melhor quando o meu corpo usa calças.

De má vontade, o coronel Briggs acedera ao pedido dela, mas avisara-a de que os lisboetas poderiam sentir-se melindrados com a sua forma de vestir e, mais do que isso, com a sua simples presença.

— Prova o pão de deus. — Selene ofereceu-lhe um bolo com cobertura de coco, o segundo da manhã. Bea só podia maravilhar-se com a segurança da amiga. Selene espreguiçou-se como os gatos sob o calor do sol, transbordando um vigor despreocupado. — É delicioso.

— Não posso comer. — Bea abanou a cabeça. Tinha cabelos cor de mel pelos ombros, penteados para trás e apanhados num puxo prático.

Continuou a observar os transeuntes, a memória fotográfica a catalogar todos os rostos. Estava assoberbada pela investida de imagens.

Selene franziu o cenho.

— É só o nervosismo do primeiro dia.

Era tão mais do que isso, mas Bea apenas anuiu. Não era capaz de verbalizar a miríade de dúvidas que tinha em relação a vir para aqui nem a verdade sobre o que esperava ganhar com esta viagem. Não iria ser um entrave ao entusiasmo de Selene nem dar-lhe motivos de preocupação.

Depois do pequeno-almoço, apanharia um dos elétricos amarelos-claros para o primeiro dia de trabalho nos escritórios da IDC. Não parecia real. Nada disto parecia. Nunca fora pessoa de correr riscos e apenas há poucas semanas aprendera a disparar uma arma, a manejar uma navalha e a armar uma bomba. É claro que também aprendera tarefas mais benignas, como abrir fechaduras e descodificar códigos (tarefa na qual se distinguira), mas não havia que enganar quanto à natureza dos exercícios diários que realizavam na Quinta. Ambas estavam a receber treino na arte da sabotagem e do assassinio.

— Que motivos tens para te preocupar? — Selene sorveu um pouco do café de Bea. — Catalogar livros e revistas o dia inteiro... é o teu emprego de sonho. E a missão mais segura que te poderia calhar.

Apesar de não concordar, Bea assentiu com a cabeça. Bibliotecária dos serviços especiais parecia um cargo inofensivo, mas todas as missões do OSS acarretavam algum perigo. Na Quinta, tinham-se preparado para todos os tipos de missões que o Escritório de Serviços Estratégicos lhes pudesse atribuir.

Recordou a indiferença do coronel Briggs ao ler o ficheiro pessoal dela.

— Pais falecidos. Irmão destacado para o Pacífico Sul. — Espreitara por cima dos óculos. — Isso é bom. É mais fácil partir quando não temos muito a perder.

Odiara-o por isso, odiara o facto de já estar a falar dela como se fosse o último elemento da família, odiara a pressuposição de que o irmão, Robert, já era uma estatística sem rosto e incógnita em tempo de guerra. Porém, para ser franca consigo mesma, isso não fora um dos motivos por que concordara em vir logo à partida? Não podia ficar em casa e estagnar, à espera de notícias de Robert, com esperança e pavor ao mesmo tempo. Sem ele ou Selene em Boston... Bea não tinha nada — ninguém. Não obstante todas as objeções da sua mente, fora com relutância que escolhera este caminho, em detrimento da solidão.

Bea olhou para o outro lado da mesa e sentiu uma vaga de gratidão para com Selene. No início, a desfaçatez de Selene deixara-a amiúde completamente envergonhada. Repreendera-a sempre que Selene chegava ao trabalho com o vestido da noite anterior ou quando praguejava livremente. Fora muitas vezes alvo da reprovação dos outros funcionários quando decidia ler, com a voz estridente e dramatismo, banda desenhada *Adventure Comics* no espaço de histórias para as crianças. Além disso, passava horas absorta com números da *National Geographic* e da *Travel*, quando devia estar a ajudar na catalogação.

Porém, fora um raio de luz na neblina pardacenta que se abatera sobre Bea depois da morte da mãe. A sua amizade fora selada no dia em que Selene deitara uma dose de óleo de rícino no café do supervisor, o senhor Filmore. O devasso bibliotecário-chefe aproveitara todas as oportunidades para agarrar Bea pela cintura ou tocar-lhe ao de leve nas coxas, e a vingança de Selene solidificara a lealdade de Bea para sempre.

Para tentar agradar à amiga, Bea trincou o pão de deus.

— Ainda não me contaste como foi ontem à noite.

— Oh, a noite foi plena de homens atraentes e desafortunados a ceder a todos os meus caprichos. — Selene riu e vários homens deixaram o olhar demorar-se no seu cabelo preto.

— És horrível — repreendeu-a Bea. Não compreendera nem aprovara a interminável fila de pretendentes de Selene, até que esta lhe falara do ex-noivo, Giles Bettencourt. Agora, Bea encarava os namoricos de Selene como aquilo que eram, a sua primeira linha de defesa contra uma ferida muito mais profunda.

Esperava uma réplica inteligente, mas Selene fez uma expressão incaracteristicamente reticente.

— A verdade é que... aqui é mais perigoso do que pensei, mais perigoso do que aquilo para que nos prepararam. Percebi isso ontem à noite.

Bea empertigou-se e sentiu o corpo gelado.

— O que...

Selene mandou-a parar com a mão.

— Estou bem. *Ficaremos* bem. — Sorriu, mas Bea percebeu o tremor quase impercetível na voz. — Só estou a dizer-te isto porque és demasiado boazinha para o teu bem. Estarás em segurança na IDC, mas... tem cuidado contigo, está bem? — Bea estava ansiosa por fazer mais perguntas, mas ambas haviam feito juramentos de confidencialidade e só podiam falar de trabalho nos termos mais vagos. Nenhuma podia falar sobre os assuntos ou missões ultrassecretas. Se o fizessem, estariam a pôr em perigo as próprias vidas.

Bea apertou a mão de Selene.

— Promete que também terás cuidado. Por favor.

— Se quisesse ter *cuidado*, estaria a levar os chinelos e um uísque com soda ao Giles todas as noites. E a minha família ainda me falaria.

— As palavras de Selene transpareceram azedume.

— No mínimo, podias dizer-lhes onde estás — disse Bea com ternura ao lembrar-se da própria mãe e de como sentia a falta dela.

— Achas que lhes interessa? — Selene meteu à boca o que restava do bolo.

— Deixem passar, deixem passar! — Uma voz sonora no passeio público chamou a atenção de Bea.

— Mamã, depressa!

— Abram alas, por favor.

Viu-se alguma agitação na praça. Dezenas de pessoas passavam apressadamente com malas, competindo por espaço à frente das outras. Algumas levavam bebés ao colo e puxavam crianças maiores pela mão, muitas envergando roupas encardidas e esfarrapadas.

— Que raios... — Selene trocou um olhar preocupado com Bea, que ficou tensa ao vislumbrar a determinação acossada no semblante de uma jovem mãe. Do que estava a fugir? E porque é que os outros clientes do café estavam a ignorar completamente o espetáculo?

Então, um homem louro com um fato de anarruga e chapéu de palha assomou do meio da multidão a chamar o nome de Selene.

— Jacques! — Selene chamou-o, com um aceno.

— Que bom ver um rosto simpático no meio da desgraça. — Sentou-se à mesa delas, mas não desviou os olhos da frenética multidão que passava a abrir caminho.

Selene inclinou a cabeça para Bea.

— Jacques, apresento-te a Beatrice Sullivan.

— Ah! A outra bibliotecária! — Inclinou o chapéu para Bea. — É lamentável. Gostava que nos conhecêssemos em circunstâncias mais afortunadas.

— O que aconteceu? — Perguntou Selene.

— São refugiados a caminho do porto. — Suspirou. — Esperam conseguir um lugar no paquete Serpa Pinto, que parte para Nova Iorque às dez. Estão aqui todas as manhãs a esta hora. Alguns pagaram uma fortuna por documentos falsos...

— E ser-lhes-á recusada a entrada em Nova Iorque. — Bea sentiu uma vaga de azedume perante a injustiça. Sem documentação legítima ou um abonador, mesmo que conseguissem embarcar aqui, seriam recambiados para a Europa assim que chegassem à América. Bea estremeceu ao lembrar-se do MS *St. Louis*.

Apenas alguns anos antes, fora recusado porto seguro ao transatlântico, com quase mil refugiados a bordo, primeiro em Cuba e depois nos E.U.A. Os passageiros estavam tão desesperados que muitos fizeram um pacto, ameaçando com um suicídio coletivo caso não lhes fosse concedido asilo. Quando Roosevelt ignorou as súplicas de ajuda, a embarcação regressou à Alemanha, onde centenas dos passageiros provavelmente sucumbiram nos «campos de extermínio» de Hitler.

A tragédia fora relatada em jornais por todo o país, mas ler sobre o assunto em termos vagos era muito diferente de ver o desespero com os próprios olhos.

Enquanto observava, um homem idoso tropeçou enquanto tentava acompanhar os demais. Bea correu até ele e ajudou-o a levantar-se. Alarmado, o homem fez sinal para que se fosse embora, murmurando uma série de palavras numa língua que ela não conhecia. Sem nada poder fazer, Bea ficou a vê-lo ir a coxear atrás do magote de pessoas, que desapareceu tão depressa como aparecera.

Bea regressou para mesa do café, toda nervosa.

— Acho... acho que teve medo de mim.

Jacques brindou-a com um olhar compreensivo.

— Porque, aqui, há tantas probabilidades de alguém lhe dar abrigo como de o denunciar à PVDE por posse de documentação falsa. Muitos lisboetas abriram as casas aos refugiados. Outros não são tão hospitaleiros. Mas *é sempre prudente* uma boa dose de paranoia quando os Nazis andam atrás de nós, não concordam? — Assimilou a expressão de aflição dela. — Estamos em Lisboa, querida. Gostaria de te poder dizer que nunca te habituarás a estas coisas, mas...

— Não habituarei. — Olhou com um ar preocupado para Selene.

Selene estava com uma expressão resoluta.

— Não vai ser preciso, porque os Aliados vão ganhar a guerra.

Bea achou que tal otimismo era irrefletido. Fez-se silêncio.

Jacques aclarou a voz e fez sinal ao garçom a pedir um café. Com uma boa-disposição forçada, disse:

— Por falar em ganhar, sabias que a tua amiga me roubou cinquenta escudos no póquer ontem à noite?

— Não fiz batota. — Selene agitou o dedo a repreendê-lo em jeito de brincadeira. — Mas para te compensar, pago-te uma bica.

— Ótimo! Posso aceitar um ato de misericórdia. Além disso, não tenho mais nada para fazer e o dia de hoje já está longo demais. — Recostou-se na cadeira, a sondá-las. — Vocês as duas... a pomba e o pavão. Acertei? — Não esperou pela resposta. — Ah, vamos divertir-nos imenso juntos. — Proferiu estas palavras como se fosse já uma verdade aceite e o sorriso genuíno que exibiu levou Bea a acreditar nele.

— Se conseguirmos afastar a Bea dos seus livros — provocou-a Selene. — Além de que já não tem um encontro há que tempos.

Jacques abanou a cabeça.

— Isso tem bom remédio. Ocorre-me uma dúzia de homens que...

— Obrigada — interrompeu-o Bea, torcendo o guardanapo sobre as pernas. — Mas não preciso de um encontro.

— Não passou já tempo suficiente? — protestou Selene. — Mal conhecias o Pete. Acho que já é tempo de...

— Não. — Bea falou num tom mais brusco do que queria. — Por favor — disse, com mais brandura. Umas lágrimas indesejadas alagaram-lhe os olhos, como sempre acontecia quando ouvia o nome de Pete Dawson. Fez um esforço para as combater. Mesmo um ano mais tarde, a dor persistia.

Selene não compreendia, mas como o poderia? Bea não lhe dissera a verdade. Não dissera a ninguém.

— Oh, diabos, desculpa. — Selene apertou a mão de Bea. — Não devia ter tocado no assunto. Eu...

— Não faz mal. — Bea escondeu a dor por detrás de um trago da bica amarga. — Já passou. — Consultou o relógio. — Tenho de ir trabalhar.

Selene franziu o cenho com preocupação.

— Vemo-nos mais tarde no hotel?

— Sim. — Bea aceitou o pedido de reconciliação com um sorriso que, esperava, parecia convincente.

No caminho para ir apanhar o elétrico, olhou para trás, para o café. Selene e Jacques estavam em amena cavaqueira; já tinham esquecido o desgosto de amor de Bea.



Quando Bea chegou aos escritórios da IDC meia hora depois, foi recebida por uma mulher mais ou menos da sua idade — uma americana franzina e loura que lhe fez sinal para entrar.

— Sou a Nora Milford. Tu és a Bea, já sei, estás atrasada e o coronel detesta atrasos. Pedeu para te ver assim que chegasses. — As palavras derramaram-se da boca de Nora enquanto conduzia Bea para uma sala cheia de várias secretárias e dezenas de caixas a abarrotar de livros, jornais e revistas.

— Não consegui entrar no edifício. A entrada pela Rua de Sant'Ana à Lapa estava *à pinha*. — Os escritórios da IDC localizavam-se no edifício da missão diplomática americana. Embora ainda fosse cedo, centenas de refugiados já estavam a fazer fila à porta, com a esperança de que os deixassem entrar.

Nora suspirou.

— Eu sei. Às vezes, há famílias que passam a noite nas escadas à espera da sua vez para obterem um visto. É horrível.

Falou num tom solidário, mas resignado. O mesmo tom de Jacques.

— Os seguranças deixam-te entrar se apresentares o teu crachá na entrada lateral. Dessa forma, não chegarás tarde.

Bea assentiu com a cabeça enquanto sondava a sala. Numa secretária ali perto, com uma expressão séria, uma morena de cabelos encaracolados e óculos de carapaça de tartaruga separava e empilhava livros em caixas. Uma ruiva exuberante estava sentada à frente de uma câmara de microfilme Recordak, a inserir jornais pela entrada para serem fotografados em microforma, a tagarelar sonoramente apesar da concentração silenciosa da morena. Nora apresentou-as enquanto conduzia Bea apressadamente: eram Helen do Iowa e Dorothy de Nova Jérсия.

— Graças a Deus que finalmente chegaste — disse Dorothy, apagando o cigarro num cinzeiro cheio de pontas de cigarros ainda a fumar. — Temos dias de atraso na separação.

— Porque és uma tagarela — disse Nora com sarcasmo, mas sorriu ao dizê-lo.

— Estava só a contar à Helen o que aconteceu ontem à noite.

— Ela conheceu quatro marinheiros de licença — disse então Helen, abanando a cabeça para Dorothy.

— Sim, mas só levei *um* para casa. — Dorothy piscou o olho e Nora riu.

— Nunca aprendes — repreendeu-a Helen, compondo os óculos.

Nora inclinou-se para Bea e sussurrou:

— A Helen é a nossa mãe galinha. É raro o dia em que lhe conseguimos arrancar um sorriso. Nunca fala do assunto, mas perdeu o marido em Pearl Harbor. E deixou um filho de 2 anos no Iowa. São os pais que cuidam do bebé. O salário é melhor no ultramar, por isso está aqui.

Bea estremeceu. Ter de deixar o bebé depois de perder o marido...

— Isso é horrível — disse, ciente de que não era o suficiente.

Nora assentiu com a cabeça.

— Estamos todos aqui por causa de alguém. Para lutar contra os Nazis conforme podemos. Ainda assim, temos de encontrar motivos para rir de vez em quando. Não podemos permitir que esta guerra nos roube tudo o que temos. — Nora indicou-lhe uma secretária que não estava ocupada e voltou a falar com a voz normal. — O teu lugar é ali, mas é melhor ires conhecer primeiro o coronel, antes que tenha uma síncope.

— Não te deixes intimidar pelo coronel Fitzgerald, querida — disse Helen com doçura. — Cão que ladra não morde.

— Ele deixa as mordidelas para a amante romena — sussurrou Dorothy com uma risadinha.

Bea esperava que não fosse verdade. A última coisa de que precisava era de um supervisor que gosta de ver com as mãos.

— Cinge-te às microfichas e vai correr tudo bem — tranquilizou-a Helen.

Nora espreitou para o escritório do coronel, que estava deserto, e fez sinal para Bea se sentar.

— Espera por ele aqui.

Nora fechou a porta e deixou Bea sozinha. À medida que os minutos passavam, ocupou o tempo a visualizar mentalmente as últimas

palavras-cruzadas e a preencher os espaços em branco. Quando terminou, sondou a divisão à procura de algo para ler. O seu olhar incidiu sobre os documentos que havia em cima da secretária do coronel. Havia uma lista de passageiros de um voo da British Overseas Airway Corporation e um manifesto de carga do USS *Liberation*.

Na Quinta, ouvira rumores de que prisioneiros de guerra libertados estavam a viajar para Portugal através de vias de fuga pelos Pirenéus. De Lisboa, muitos apanhavam voos da BOAC até à segurança de Londres; outros apanhavam transatlânticos de volta para os Estados Unidos. É evidente que ninguém teria acesso a estas listas de nomes a não ser altas patentes, como os coronéis. Era preciso proteger a identidade dos prisioneiros de guerra, mesmo em território neutro, por receio de que agentes do Eixo os pudessem recapturar.

Ela queria ver essa lista. Havia um nome que esperava que desesperadamente constasse da mesma.

Depois de dezenas de cartas sem resposta que enviara a Pete, receava o pior. Pensara em contactar a família dele, mas não tardara a pôr a ideia de parte. Pete partira antes de ela ter tempo de conhecer os pais dele, que temia que não aprovassem o romance-relâmpago, e Bea não seria capaz de os enfrentar sozinha.

Começara a esquadrinhar as listas diárias de combatentes desaparecidos que era publicada no *Boston Globe*. Depois, numa funesta manhã, lera: SOLDADO PETE DAWSON, FILHO DO SENHOR E DA SENHORA FRED DAWSON DE WEST ROXBURY, DADO COMO DESAPARECIDO EM COMBATE NO NORTE DE ÁFRICA A 16 DE NOVEMBRO DE 1942 E DADO COMO PRISIONEIRO DE GUERRA DA ALEMANHA A 6 DE FEVEREIRO DE 1943.

Desde então, não passara um dia sem que Bea se questionasse onde estaria e se ainda estava vivo. Se conseguisse fugir dos captores, seria possível que tivesse chegado a Lisboa? Nesse caso, será que o seu nome constaria numa lista de Fitzgerald?

Fora esse o motivo por que concordara em vir para a Europa — a esperança de o encontrar. Sabia que era uma tarefa inglória. Percebera-o assim que descera do navio para as docas apinhadas de gente. Havia milhares de pessoas a usar Lisboa como via de fuga. Mesmo que Pete passasse

por aqui, parecia uma tarefa impossível localizá-lo no meio de tanta gente. Não obstante, não podia deixar de tentar.

Bea levantou-se para ver melhor as listas de passageiros, mas o ruído de vozes a aproximar-se interrompeu-a. Reparou numa porta entreaberta por detrás da secretária do coronel.

Bea deu um passo cauteloso para lá da soleira da porta, a tentar perceber de onde vinham as vozes. Do outro lado havia um estúdio cheio de estantes de livros que chegavam do chão ao teto e um único divã de veludo no centro da sala. Esperava que não fosse ali que o coronel se encontrava com a amante.

No preciso instante em que estava a recuar para fora do estúdio, as vozes cristalizaram-se nas de dois homens a retumbar de fúria. Pareceu-lhe que vinham do outro lado da parede. Estacou.

— Os Nazis estão a contrabandear mais volfrâmio a cada dia que passa — ribombou uma áspera voz americana —, numa clara violação do Acordo Luso-Alemão. Se dependesse dos Aliados, teriam rebentado com todas as minas de volfrâmio dos Nazis que há neste país. Salazar está na corda bamba com os Aliados e tu acabaste de entregar o maior carregamento de volfrâmio de mão beijada a Hitler! — Ouviram-se vidros a partir e Bea presumiu que alguém arremessara algo. — Por amor de Deus, não nos podemos dar ao luxo de cometer erros!

— Eu não cometo erros — foi a resposta, em inglês com sotaque espanhol. O tom era o de alguém no limite.

— Então, faz a porra do teu trabalho!

Com isto, uma estante abriu-se e um homem de uniforme que Bea presumiu ser o coronel Fitzgerald saiu de rompante para o estúdio, seguido de perto por um homem impetuoso de cabelo acastanhado de fato e colete.

Um nariz aquilino e uns olhos azuis penetrantes realçavam um rosto anguloso e distinto. Tinha uma expressão reservada, como se a discussão que acabara de ter não tivesse importância alguma para ele.

Os seus olhares cruzaram-se por instantes, o dele indiferente e perplexo.

— Quem diabo és tu? E como chegaste aqui? — O coronel Fitzgerald agigantou-se sobre ela, a queixada de buldogue púrpura de fúria.

— Sou a Beatrice Sullivan, meu coronel, a nova bibliotecária. — Tinha as pulsações desenfreadas, mas a voz não vacilou. Espreitou para lá do coronel, mas o outro homem desaparecera. A estante estava outra vez no sítio, impossível de distinguir das outras. Voltou as atenções para o novo chefe. — E a porta estava aberta. Meu coronel.

— Fora daqui. Já. E chame a menina Milford. — Falou num tom ameaçador. — Não ouviste nada. Não viste ninguém.

— Sim, senhor.

Bea encontrou Nora à porta, à espera do coronel. Helen e Dorothy brindaram-na com olhares solidários.

— Acredites ou não, aquilo foi ele a ser calmo — disse Nora. — Não atirou um cinzeiro contra ti, pois não?

— Contra mim, não — respondeu Bea, com prudência.

— Então causaste boa impressão.

Nora pousou uma caixa com livros em cima da secretária de Bea.

— Então, há centenas de livros que têm de ser embalados para o próximo hidroavião Clipper, e microfilme a processar. Tudo tem de ser enviado para os Estados Unidos para ser analisado, depois armazenado em segurança. A Biblioteca do Congresso quer que salvemos o máximo de obras impressas possível, antes que o Reich queime tudo. Uma parte, como jornais que podem dar pistas sobre movimentações de tropas e planos secretos do Eixo, vão diretamente para o coronel transmitir aos serviços secretos dos Aliados. Mapas e manuais de armamento e máquinas também. O resto será enviado no voo de amanhã de manhã. Estás pronta para trabalhar?

— Claro. — Bea pegou num livro da caixa e sentiu o seu cheiro polposo. Estava a precisar de sentir o conforto das páginas nas pontas dos dedos. Nora passou a explicar como catalogar e transferir os montes de informações que o OSS tinha encontrado depois de esquadrinhar livrarias e quiosques locais.

Bea deixou a mente vaguear; dominara a técnica dos microfilmes muito antes de vir para Lisboa.

Quão difícil seria esgueirar-se ao gabinete do coronel para procurar o nome de Pete naqueles manifestos? Mas não. Bea tinha de passar despercebida, manter-se focada de forma a conseguir cair nas boas graças do coronel.

Dois olhos glaciais faiscaram na sua mente.

Apressou-se a focar a atenção na explicação de Nora, ignorando o calor que lhe subia às maçãs do rosto.

Selene praguejou em surdina. Já eram seis da tarde e ainda não encontrara o Jardim Encantado.

Após terminar o primeiro dia de trabalho nos escritórios da Comissão Federal do Comércio, apanhara o eléctrico 28 para o centro de Alfama, um dos bairros mais antigos de Lisboa. Num aglomerado de arquitetura medieval, praças com fontanários e casas de tons pastel com a tinta a descascar, as ruas serpenteantes e labirínticas de Alfama eram estreitas e íngremes.

Tinha o mapa da cidade na bolsa, mas recusava-se a consultá-lo outra vez. Na Quinta, Selene e Bea tinham sido incumbidas de memorizar a planta de Lisboa. Para Bea, com o seu intelecto preciso, a tarefa fora fácil. Para Selene, fora um trabalho árduo, mas estava determinada a dominá-lo.

A verdade é que Selene não tinha paciência para trabalhos aborrecidos e detestava ficar presa atrás de uma secretária. Hoje, até ver, a descoberta mais desanimadora que fizera fora que o seu emprego diurno era um verdadeiro tédio. O supervisor, o senhor Mitchell, falava num timbre sorumbático de um dobre a finados. Ao fim de algumas horas a estenografar o que ele ditava, Selene estava a postos para o seu próprio funeral.

Só esperava que Bea tivesse tido mais sorte.

Depois de perder a noção das vielas, procurara as placas com os nomes das ruas, depois sondara os edifícios à sua volta, tentando orientar-se.

Roupas a secar em cordas adejavam sob a brisa amena. Flores embelezavam as grades das varandas, canários trinavam em gaiolas e pequenas laranjeiras germinavam em vasos.

Era lindo.

De repente, ficou com o tãço preso nas pedras da calçada irregular. Dois braços seguraram-na mesmo antes de cair ao chão.

— Oh, desculpe. Não estava atenta e... — Olhou para cima e viu um rosto conhecido. Era Luca Caldeira.

— És tu — disse. O homem estava com pior aspeto do que quando o vira no Casino Estoril. Uns caracóis desganhados tapavam-lhe a testa e tinha a cara coberta de pelos.

Soergueu as sobancelhas.

— Diz-me, tens o hábito de te atirares sempre aos homens?

As mãos dele deslizaram-lhe até à cintura para a equilibrar. Selene ofegou quando ele a soltou.

— Atirar-me aos... *Tu deste-me* um encontrão ontem à noite. E quase me estragaste o vestido.

Caldeira franziu o cenho.

— Os pormenores são vagos, mas lembro-me do teu vestido, e do teu olhar de desdém. Os dois assentam-te bem.

Selene fitou-o com ar zangado. Como é que ele conseguira insultá-la e elogiá-la na mesma frase?

Caldeira cruzou os braços e encostou-se a uma parede caiada. Os ombros espadaúdos ocupavam quase toda a largura da viela.

— Perdeste-te a caminho do teu *palácio*? Alfama é pobre de mais para a tua estirpe, não?

— Não sabes do que estás a falar — refutou. Não fazia ideia de como estava equivocado. Os pais dela tinham-na deserdado há anos e o parco salário do exército não lhe permitia luxos. Podia ter fingido opulência e estatuto na alta sociedade de Lisboa na noite anterior, mas Selene tivera uma existência desprovida em Boston, na companhia de Bea, e aqui não seria diferente.

Ele mirou-a com atenção.

— Reconheço o privilégio quando o vejo. Aposto que nunca trabalhaste a sério na vida.

Ela bufou com desdém. Seria a sua educação num meio abastado assim tão óbvia, mesmo aqui? Incomodava-a o facto de ele conseguir perceber os seus maneirismos com tanta facilidade.

— Não tens nada com isso. Agora, se me dás licença...

Passou por ele e Caldeira fez uma vénia com dramatismo.

— Mas com certeza.

— Bom dia, senhor Caldeira.

Conforme Selene estugou o passo até dobrar a esquina seguinte, sentiu a irritação a ferver dentro de si. Olhou para trás de relance para ter a certeza de que ele não estava a segui-la, mas ele estava agora a um quarteirão de distância, a falar com uma família andrajosa com malas. Tirou uma moeda do bolso e meteu-a na mão de um ancião.

Jacques dissera que Luca estava na penúria, mas ali estava ele, a oferecer o pouco que tinha a outros. O pequeno ato de generosidade pareceu completamente desajustado do homem que a insultara de forma tão gratuita.

Selene virou-lhe costas, sem saber o que pensar, depois começou a caminhar mais depressa.



Por fim, quando apenas faltava um minuto, Selene virou para o Beco da Hera. Jardim Encantado, a loja, ficava entre um café e uma pensão antiga. A fachada era tão pequena que quase não a viu, não fosse pelos canteiros de flores por debaixo do toldo.

Selene entrou e deparou com uma anciã a fazer um arranjo de flores numa jarra. Não se via uma única orquídea.

— A senhora desculpe — disse, em português —, mas é a Gracinha?

A mulher sondou-a com os olhos brancos das cataratas, mas continuou em silêncio.

Selene tentou outra vez.

— Gostaria de comprar uma orquídea, por favor.

A mulher soprou com desdém.

— Não temos orquídeas.

Selene tentou lembrar-se. Teria percebido mal as instruções?

Mas não... Percebera bem. Fez uma derradeira tentativa.

— Eu canto o corpo elétrico. — Proferiu as palavras com delicadeza, a sua «assinatura» pessoal, os versos do poema de Walt Whitman, que servia para a identificar perante outros agentes dos Aliados como estando do seu lado.

As mãos nodosas da mulher pararam por cima da jarra. Fez-lhe sinal.

— Venha.

Conduziu Selene por um corredor estreito e mal iluminado que desembocou num jardim murado. Daí, passaram por um portão degradado e desceram um lanço de escadas a desintegrar-se até uma porta subterrânea.

Gracinha bateu à porta num ritmo e num padrão predefinidos. Ao fim de alguns segundos, ouviu-se uma fechadura a abrir. A porta rangeu e deixou ver uma caverna, escavada no subsolo da cidade, suficientemente grande para lá encerrar uma pequena mesa, duas cadeiras e uma estante baixa. A estante continha uma série de pistolas e punhais, um rádio de onda curta e vários microfones espiões, utilizados para ouvir conversas. Ao centro do espaço estava Marguerite, impecavelmente vestida com um elegante vestido amarelo-limão e uma boquilha de cigarros entre os lábios. A porta estalou ao fechar-se nas suas costas. Estava sozinha com Marguerite.

— Estás atrasada. — Marguerite soergueu uma sobrancelha ao olhar para Selene.

— Desculpa — balbuciou Selene, surpreendida. — Eu...

— Um atraso significa que a operação está comprometida. Um atraso pode significar a morte.

Selene ficou com as palmas das mãos húmidas. Esta Marguerite — corrosiva e sisuda — não era nada como a Marguerite reservada da noite anterior.

— Não fui seguida.

— Nunca presumas isso. — O fumo serpenteou dos seus lábios escarlates. — Há sempre olhos a observar-nos em toda a parte. Resta-nos

apenas esperar que sejam nossos e não do inimigo. — Fez sinal para Selene se sentar e também se sentou, passando depois os olhos pela pasta à sua frente.

— És uma debutante? — troçou Marguerite. — A tua herança não conseguiu disponibilizar-te entretenimento suficiente?

Selene indignou-se. Depois do encontro com Luca, ficara farta dessas presunções.

— *Ex* debutante. E não tenho herança. — *Agora já não.*

Marguerite folheou a pasta outra vez, depois perscrutou Selene.

— Dá para perceber por que a Quinta te destacou para mim. A tua aparência seria um desperdício nas microfichas. Ontem à noite, aqueles homens no casino não tiravam os olhos de ti.

Selene sentiu uma forte pontada de desilusão.

— As minhas capacidades valem mais do que a minha aparência.

— Veremos.

— Qual é a minha missão? — indagou Selene. — Porque me pediram para ganhar a confiança dos homens ontem à noite no casino? Cruzarei linhas inimigas ou...

— Achas que enviaríamos uma beldade como tu para o campo de batalha? — Marguerite fechou a pasta com um estalido. — Os conselheiros de Salazar são seletivos com as amantes. Quem levam para a cama não é tão importante como quem exibem pela cidade. Tudo se resume a manter as aparências perante os lisboetas. Se estes homens se podem dar ao luxo de passar os dias em prazeres ociosos com as amantes, é porque a guerra não é assim tão grave, compreendes?

— A minha missão é tornar-me uma dessas amantes? — Teve um lampejo do rosto de Giles. Namoriscar era uma forma de manter o controlo sobre os homens que pretendiam dominá-la. Mas a verdadeira sedução era algo completamente diferente. — Não vejo como isso possa ajudar o esforço de guerra.

— Há um informador nazi no círculo mais próximo de Salazar. — Marguerite puxou o fumo do cigarro. — Sabemos de fonte segura que essa pessoa é amante de um dos membros do gabinete do primeiro-ministro. Está a passar informações aos Nazis sobre os refugiados

mais influentes e mais subversivos de Lisboa. Esses refugiados estão a desaparecer um a um.

— A desaparecer? — indagou Selene.

— A ser raptados e a reaparecer em campos de concentração. Outros... — Marguerite suspirou. — Às vezes, encontramos um cadáver. Na maioria das vezes, desaparecem sem deixar rasto. — Apagou a ponta do cigarro. — São todos dedicados inimigos do Reich. Membros de grupos da resistência. Cientistas de renome internacional, escritores e artistas. Atores e atrizes...

— Leslie Howard — arriscou Selene. — Ia no avião da British Airways que se despenhou em junho. — Como muitos outros americanos, chorara a perda do bem-parecido Howard, que fora um dos atores da película *E Tudo o Vento Levou*. O avião da BOAC fora atacado por uma aeronave inimiga entre Lisboa e Inglaterra. Lembrava-se das especulações nos jornais, da teoria segundo a qual o ator fora alvo dos Alemães por causa dos seus discursos e sentimentos antinazis.

— É bom que aprendas uma lição depressa. Quanto menos disseres sobre certos incidentes, mais tempo continuarás viva. — Marguerite fitou-a com um olhar glacial. — A última agente com esta missão... cometeu demasiados erros. Viste o que lhe aconteceu ontem à noite.

Selene sentiu o sangue a martelar-lhe os ouvidos consoante as palavras assentaram.

— *Era* a vossa agente no casino... e suicidou-se.

Sentiu a barriga a revirar. Iria ocupar o lugar de uma morta.

— A tua missão é encontrar o informador — continuou Marguerite. — Infiltrares-te no círculo de Salazar. Queres o meu conselho? Torna-te amante de um elemento do gabinete dele; não importa qual. Conquista a confiança das outras mulheres. Torna-te amiga delas. Coloca microfones espiões nos seus apartamentos. — Inclinou-se para Selene, os olhos como poços sem fundo. — Enquanto estiverem a vadiar nas suas torres de marfim, rouba-lhes os segredos.

O desprezo no tom de Marguerite surpreendeu Selene.

— Odeia-las.

— Odeio a sua duplicidade. — Fez uma expressão que não parecia arrependimento. Perscrutou os olhos de Selene. — Se estás a fazer isto por uma questão de tédio...

— Nunca. — Selene ruborizou. A própria mãe e a irmã, Evelyn, também encontravam consolo nas suas torres de marfim, preocupadas apenas com a sua própria segurança. Sempre odiara a sua indiferença, como as suas ações faziam com que se sentisse cúmplice. Marguerite estava a dar-lhe a oportunidade de mudar isso. Se conseguisse cumprir a missão, poderia salvar vidas.

Mas se chegasse ao ponto de dormir com homens desconhecidos, seria capaz de se manter firme?

Engoliu a incerteza.

— Consigo fazer isto. Não te arrependerás. — Por um fugaz momento, a expressão de Marguerite quase se enterneceu. Depois, voltou ao que era.

— Algumas regras. Nunca venhas ao Jardim Encantado a menos que eu te dê instruções nesse sentido através da Gracinha. Comunicaremos via transmissões de rádio ou mensagens em código entregues pelas nossas cadeias. Paga à tua cadeia com o dinheiro disponível na tua conta para despesas. — Fez um compasso de espera. — *Sabes* o que é uma cadeia?

Selene assentiu com a cabeça. Uma das primeiras tarefas de um espião era criar sempre uma cadeia de informadores. Em Lisboa, precisava de pessoas de confiança que agissem como os seus olhos e ouvidos por toda a cidade e lhe revelassem o que descobriam. Selene apenas comunicaria com a primeira pessoa da sua cadeia, de forma a manter o anonimato em relação a todas as outras. Todas as pessoas reportavam à seguinte de forma a que, se alguma ficasse comprometida, a identidade das restantes permanecia protegida. Selene recebera formação sobre as minúcias deste tipo de ligações na Quinta e tinha a certeza de que apenas as suas competências sociais bastariam para ter sucesso nesta parte do trabalho.

— Usa nomes de código para todas as comunicações — continuou Marguerite. — Como já sabes, o meu nome de código é Orquídea.

O teu é Circe. — Levantou-se. — Amanhã à noite, vou levar-te à hora dos *cocktails* no Hotel Aviz. A maioria do séquito de Salazar janta lá nas noites de sexta-feira. Vou cantar mais tarde, mas darei sinal antes do meu número. — Abriu a bolsa e aplicou batom outra vez enquanto inspecionava o cabelo no espelho. — Que roupa tens para usar?

— O vestido que usei ontem à noite. — Ao perceber o desânimo de Marguerite, Selene apressou-se a acrescentar: — Na Quinta disseram-me que só tinha de trazer um.

Marguerite suspirou.

— A Quinta e as suas ideias idiotas sobre o que os meus agentes no terreno precisam. O coronel Briggs acha que os uniformes de combate estão na moda. — Marguerite rabiscou uma morada num pedaço de papel. — Sai por onde entraste, depois vai a esta morada. Fica a quatro quarteirões daqui. Encontramo-nos lá.

Selene olhou para o papel.

— Uma costureira?

Marguerite assentiu com a cabeça.

— Vais precisar de pelo menos meia dúzia de vestidos de noite, e depois tens os vestidos de dia, roupa para praticar vela e polo... — disse, contando pelos dedos. — Querida, não percas ainda os teus modos de berço de ouro. Se queres integrar-te em Lisboa com meias de seda, terás de estar à altura.

LISBOA, 1943. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ASSOLA A EUROPA.

Cidade glamorosa à beira do caos, Lisboa aloja espiões de duas fações. Entre eles, encontram-se Selene Delmont e Beatrice Sullivan, bibliotecárias de Boston. Oficialmente recrutadas para recolher livros proibidos, ambas são, na verdade, agentes secretas cuja missão consiste em infiltrarem-se na rede de espionagem do Eixo.

Em breve, contudo, dão por si envolvidas em jogos de enganos com dois dos homens mais conhecidos da cidade: um barão português exilado, Luca Caldeira, e um espião letal de nome de código Gable. Enquanto Selene seduz Luca nos seus luxuosos salões de baile, Bea, mais dada aos livros, mergulha no mundo sombrio dos informadores de Gable. Quando, porém, uma traição desvenda uma teia de mentiras cuidadosamente tecida, tudo aquilo por que ambas lutaram é posto em causa. Será este o seu ponto de rutura?

Inspirada por acontecimentos reais, Suzanne Nelson cria um enredo cativante com duas mulheres singulares, cuja coragem, determinação e amizade foram capazes de resistir à devastação da guerra.

«Não o consegui largar até ler a última página! É ficção histórica absolutamente cativante e fruto de pesquisa irrepreensível — perfeita para fãs de Kate Quinn e Kristin Hannah.»

Kelly Rimmer, autora bestseller de
As Coisas Que Não Podemos Dizer



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-931-5



9 789895 839315